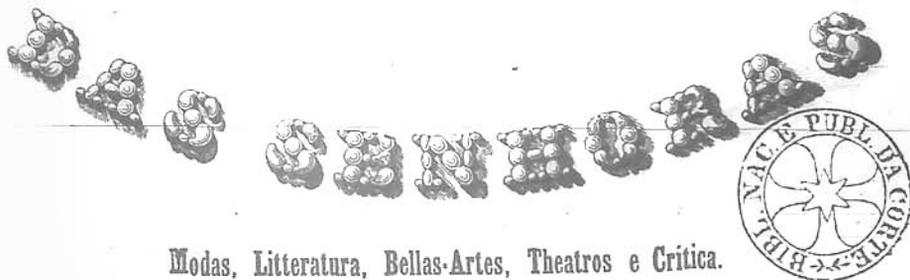


O JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

∞ O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina. ∞

MODAS.

O magico scintillar da elegancia fluminense tocou a varinha encantada do seu refulgir ao clarão inebriante dos perfumados salões da corte. O dia 2 de dezembro, natalicio de S. M. o Imperador, esse dia tão querido de todos os brasileiros, era o dia somente esperado; carregados de joias e de sedas primorosas ainda estavam os adoriferos e brunidos toucadores das nossas elegantes até esse dia, em que o luxo devia acompanhar a solemnidade, e o esplendor das galas revelar a alegria de todos os corações.

Um dia depois tudo era mudado. A's roçagantes sedas, ás perolas e diamantes, substituirão-lhes as finissimas roupagens de linho, as caças transparentes, os laços de fita, e os braceletes de marfim e de coralinas.

Para o campo, para as verdejantes e alegres chacaras dos pitorescos arrebaldes do Rio de Janeiro ródão as calechas de dia em dia, levando para longe dos que não podem ter igual fortuna, a nossa boa sociedade da passada estação dos salões.

Já lá vão! já lá se passarão essas noites de confusão encantadora, de dilirio e poesia dos salões....

Ao manço correr de um regato; á suave aragem dos copados arbustos de alinhadas alamedas, ao aromatico aspirar de orvalhadas flores, vão agora as nossas bellas e rainhas descansar do seu perfumado reinar, descendo do throno refulgente ás luzes do salão, para sentarem seu dominio no que lhe reserva o brilhar da natureza em flôr.

Oh! que sua belleza e seus dominios lhes não sejam destruidos pelo sulcar do tempo inflexivel; e que voltem, que retomem ellas o seu throno de luzes ardentes, tão galantes e mimosas como é, seu todo imperio.

É para o campo, querida leitora, para esse viver tranquillo e ameno, onde o vosso lindo toucador despojado de galas recende os odores dos jasmims e violetas silvestres, do manacá e assucenas, que vos offereço um dos mais bem combinados *toilettes* de verão. Basta olhar para elle para sentirmos a frescura e delicadeza da sua propriedade.

Não vos parece?

Havéis de ter a bondade de concordar comigo. Nem sempre o vestuario leve tem em seu favor a especial propriedade de se parecer como tal. A falta de combinação das côres, os enfeites mal empregados, um folho mais, uma camisinha mais guarnecida, em fim um destes *nadas* da moda, podem roubar ao *toilette* toda essa ligeireza que elle requer, e que muitas vezes tem, parecendo-se pesado e tornando-se de máo gosto. É neste que, onde encerra-se toda a magia do *toilette*, toda a arte de vestir bem; e o que é mais; de vestir bem, com pouco dispendio: esse gosto, esse tacto fino, também se adquire, e por isso util se torna aprender-lhe as regras, a qual *do pouco faz muito e do muito faz pouco*.

Em geral, o mais leve e simples, o mais claro e transparente, recommendão as mais intelligentes e abalisadas modistas do grande mundo elegante, para vestidos de verão e tudo quanto é necessario para completar o que em francez chama-se *toilette*, que é o mesmo que dizer em portuguez—Estou vestida com cuidado.

Uma explicação a quem toca.

Para sahir ou estar em casa, chama-se *toilette* ao traje completo de uma senhora, desde que ella deixa o seu vestuario de quarto, e prepara-se com mais cuidado e esmero.—Por isso é bem conhecida a frase hoje em voga — *V. Ex. está com um lindissimo toilette*. É ao todo por tanto a que se chama *toilette*, e não a uma só parte do vestuario.

Desculpai, querida leitora, se vos levei á explicação do que era *toilette*; não precisais por certo de taes explicações: são destas minhas impertinencias que deveis tolerar á vossa toda dedicada Christina.

Recommendo-vos effectivamente o *toilette* do

figurino de hoje sobretudo—o *Talma* uma especie de *visite* sem mangas, cujo feliz effeito nas mais delicadas elegantes parisienses autorisa-me a affiançar-vos igual resultado entre vós elegantes fluminenses.

Vou fazer-vos a descripção da Estampa.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

Vestido de caça branca transparente—sãia ornada de tres longas pregas passadas com fita batida côr de rosa—corpo afogado e franzido, de cintura redonda—cinto de pontas compridas de fita *gros-de Naples* côr de rosa—e mangas a *Pagode* guarnecidas de um franzido de renda recortada. Este ligeiro *toilette* é delicadamente revistido por um *Talma*, especie de *visite* sem mangas, de alvissima e diafana caça, apenas enfeitado com uma prega em toda a volta, mais estreita que as da sãia, embañhada em fita batida, também côr de rosa; um pequeno engraçado cabeção redondo da mesma fazenda, guarnecido de preguinhas de renda, fecha-o em cima, para deixar mostrar mais um simples e elegante adorno aos *toilettes* de verão. Completa este *toilette* um chapelinho franzido, o qual em francez tem seu nome especial, chama-se *capote cloche*, rome porque são conhecidos os chapeos franzidos em qualquer armazem de modas.—O *capote cloche* da figura é ornado com tres canutões de fita torcida, dois que se fechão em laço de pontas curtas ao lado direito, e um que guarnece o fundo da cõpa em volta pequena. São mui recommendaveis estes chapeos para os passeios de jardim, em geral para todas as occasiões em que as senhoras tem de supportar o rigor do sol fóra da cidade. E confesso-vos que são os chapeos de que eu mais gosto.

O menino tem cinco annos; seu bonete é de palha de Italia com pála de couro cuvernizado, camisolinha curta talhada um pouco á feição do corpo, collarinho, punhos e mangas de cambraia guarnecidas com uma rendinha *guipure*, calcinhas compridas de brim branco, e botinas de marroquim preto.

A menina tem dez annos; por chapeo tem uma *capeline* de palha de arroz coroada por uma grinalda de flôres azues—de sobre a ába da *capeline* uma renda branca *guipure* desprende-se em toda sua circumferencia—o cabello atrás é preso por um laço de fita de velludo azul com pontas cahidac—vestido afogado de cambrinha pintada,

voltando-se um collarinho liso preso por uma gravatinha de setim azul—*Pardessus* de ganga, com filetes de velludo azul guarnecendo-o todo em volta—mangas á mosqueteira— submangas de punhos abotoados—sapatos de marroquim de sola dobrada.

3 de dezembro.

Christina.



LIVRO DE JULIA.

Fragmentos.

Julia! ha muito tempo que eu pretendia escrever um livro para offerecer-te. Hesitava, porém, entre o receio de m'o não acceitares e a esperança de m'o receberes com agrado. Lutei bastante comigo e alim sempre o receio cedeu o campo á esperança.

Resolvi, pois, satisfazer a um desejo, ou se assim o entendes, a um dever.

Quero primeiro que tudo fazer-te sciente do modo singular, talvez desusado, porque te escrevo este livro.. todo mysterioso, todo recamado de allegorias.

É pela manhã, quando o sol cresta apenas com os seus raios ainda frouxos os pincaros elevados das montanha: que eu pégo na penna e *machinalmente* escrevo o teu nome adorado. E nem se quer reparo aonde o escrevo:—ás vezes não encontro papel, não importa: uma mesa, uma parede, até uma taboa me serve. Julia, Julia! o teu nome é tão suave e tão encantador,—entusiasma tanto vel-o escripto!.. Oh! não posso deixar de confessar-te que antes da oração da manhã meponho a soletrar o teu nome, e só depois de o repetir trinta vezes, é que me dirijo ao Ser-Eterno. Tão grande é a magia d'aquellas cinco letras!

E depois—continúo a escrever. Mas o que escrevo eu? palavras ao acaso, frases sem ligação, periodos sem nexo... E o que me importa que me não entendão? mais de uma vez me teem a mim dito—não te comprehendo!—

Comprehendes-me tu, minha Julia, e é quanto basta. Eu só vivo para ti, como tu só vives para mim:—sintão as nossas almas o mesmo sentir, que o mundo para nós é quasi estranho.

Vou, pois, dar principio ao teu livro.

Antes porém de o começares a ler, ha de prometter-me sob nosso amor, que jamais revelarás a ninguem um só dos segredos que elle contém:—são cousas que só teem cabimento no teu peito, e mal quadrão nos alheios, por isso t'os pinto a côres taes que só tu saberás distinguir.

Julia, sê discreta sempre.

E depois de leres este livro, olha que me não

contento com o arrumares na tua estante; não;—quero que o tragas sempre contigo, no passeio, nos saráus, na corte, na provincia, no templo do Senhor, em toda a parte;—mesmo á noite quero que o mettas debaixo da tua cabeceira.

Sou muito exigente, não sou, Julia? Mas olha que só d'este modo é que eu me capacitarei de que aprecias muito este mimo que te endereço:—só na esperança de que o has-de estimar muito é que eu te dedicarei, gostoso, o vaguear incerto da minha imaginação por todo esse universo...

O livro que vou escrever-te não ha de ser outra cousa mais do que o devanear sem fim da minha alma, ora fugindo ao mundo que a prende, ora encarnando-se n'elle:—ha-de ser a historia caprichosa de todas as idéas que me teem germinado e amadurecido no espirito...

I.

Julia!—eu amo-te muito! e queres saber porque te amo? eu t'o digo.

Não julgues que forão os contornos delicados da tua figura gentil que me seduzirão: não; uma imaginação ardente como a minha, pouca attenção, nem-uma, talvez, se presta a dar a uns olhos rasgados, girando em orbita clara, e cercados de sobranceira espessa. Faces rosadas, tez alva e fina, bem ordenada fileira de dentes brancos, cabellos finos e negros, tudo isto, minha Julia, tudo isto te concedeu a natureza com mão prodiga. Mas eu apenas admirei as tuas qualidades physicas, o que me embriagou foi essa alma que é toda virtude,—foi esse complexo de qualidades moraes que embellezão o teu coração puro.

Julia!—eu amo-te muito! Mas olha que este amor não é, nunca foi, esse chamado amor,—esse sentimento ordinario e *vasteiro* que por distracção troca entre si dois entes de sexo differente. Tal amor é de curta duração: qualquer sacrificio exigido de um dos lados faz logo desabar o edificio mal seguro. E que lá está um vacuo que se não dá em o nosso amor; falta-lhe um não sei que de poetico e de sublime que nos sobra a nós.

Falta-lhe um *quid* de elevação religiosa que divinisa o sentimento que nos impelliu um para o outro.

Todo o amor, para ser verdadeiramente tal, deve de ter este cunho,—aliás não passará de uma paixão vil e *objecta*. Madama d'Abrantes já chamou desgraçado a quem não tivesse sentido a sua influencia: creio que a poetiza disse a verdade, porque o amor puro e nobre é uma taça sagrada, aonde é mister beber para se conhecer a felicidade.

Julia! esse que me tu inspiraste logo na primeira occasião em que te vi, é um amor que tem degenerado todo em delirio. Já não é o amor impetuoso que Salviati sentia por Bianca-Capello;—a paixão de Abeillard era menos ardente.

Eu te defino o meu amor; escuta-me.

Sabes como se amão duas rolas? vês tu como sempre nnidas, ellas cortão velozes o espaço com as azas de seda e se elevão até ás nuvens a adorarem o Eterno a sós com os astros—ou pairando manso e manso, unidas sempre, adeção em torno de abeto annoso até lhe acharem nas fendas abertas um cantinho bem fundo para ali se heijarem, para ali trocarem meigos arrulhos, para ali viverem uma para a outra:—felizes na sua doídice, doidas nos seus extremos, extremosas nos seus gozos?—E' assim que eu te amo!

Sabes como a mãi ama o filhinho?—Vêl-a tu debruçada no berço do terro objecto de seus cuidados, abraçal-o, heijal-o, cubril-o de affagos;—meiga sorrir, quando elle desperta;—lucrimosa suspirar, quando elle chora;—fretetica percorrer a casa e as ruas, quando elle se lhe ha perdido;—desfalecida, acabrunhada, pallida e sem falla jazer, quando elle cabe doente;—contente nos abraços que dá, nos beijos que imprime, nas caricias que prodiga, nos sorrisos que desprega dos lábios, nos suspiros que exhala, contente sempre?—E' assim que eu te amo!

Mulher, anjo, divindade, talvez, eu não posso amar-te mais do que te amo!

Agora, minha Julia, já podes desterrar de ti essa idéa vaga de scepticismo que todas as mulhières têm, quando amadas. Duvidão sempre, ou fingem duvidar, que as estimem do coração. Mas tu já não duvidas do meu amor, não é assim, Julia?

Pareceu-me agora que traduzi perfeitamente esse teu volver d'olhos.... valeu o mesmo que dizer-me:—eu creio-te.

Pois bem! uma vez que accitaste gostosa a minha confissão de amor tão ingenua e singella, tão vinda do fundo d'alma que mais não póde ser, vou fazer-te verter algumas lagrimas.

E como tu hasde ser bella, ao deslisar-te uma perola pelas faces abaixo!

Heide gostar muito de te ver com as lagrimas nos olhos!

Mas hade ser bem ligeira a pena que vou causar-te. A final hasde estimar-me ainda mais.

Continúa.



KAROLINA.

NOTELLA POLACA.

(Continuação.)

AS MARGENS DO NIEMEN.

Em uma grande sala, forrada de damasco amarello com franjas cõr de ouro, se achava asentada uma senhora de idade, vestida á moda dos primeiros annos do seculo XVIII; a seus

pés dormia sobre uma bella almofada de velludo uma linda cadelinha de cõr preta. A senhora de mais de oitenta annos estava fazendo meia para a casa de beneficencia de Kown.

Junto á mesa redonda, armavão castellos de cartas, um menino de doze annos e uma menina de dez, ambos os quaes erão vigiados por tres criadas.

Na outra extremidade da sala achavão-se o capellão e o intendente que jogavão as cartas, e o medico da casa, que esperava a sua vez, os olhava de boca aberta e olho vivo.

Nesta sala, tão magestosamente triste, estava, como por acaso, um piano, cujas teclas erão tocadas por uma mulher ainda moça, ou que o parecia pelo contraste de tantas antiguidades, e junto della via-se um moço que a ouvia com attenção.

Trajava esta mulher um vestido de musselina branca, cujo decotado e mangas excessivamente curtas deixavão ver, sem o menor recato, o collo, as espaldas e os braços de um torneio admiravel.

Seus cabellos pretos como o ebano, desprendendo-se em tranças sobre o collo e o peito, fazião sobresahir a sua alvura; ella era bella, mas bella em segunda mão por assim dizer, e confessava ter vinte e nove annos! Os homens de vinte annos, fallando della, dizião: *é bonita*; e os de quarenta: *foi bonita*. Esta mulher, cheia de expressão, cantava uma aria em italiano, lingua que ninguem que estava na sala entendia, salvo um só, que é para quem ella cantava.

— Muito bem, e muito bom, disse a senhora velha, acabada a cantoria; na verdade muito bem e muito bom, minha querida filha; a voz do cavalheiro Martini casa-se perfeitamente com a tua; mas confesso-te que no meu tempo as senhoras honestas não cantavão assim, cantavamos de olhos baixos, e não nos erão permitidas essas volatas, que deixavamos para as actrices; espero que tua filha não cantará assim, porque nossos vizinhos t'o exprobarião acremente.

— Mas, minha cara mamã, a musica italiana não póde cantar-se de outro modo.

— Pois eu prefiro as nossas arias patricias, respondeu a velha.

A princeza Julia, é della que estamos tratando, vendo o máo humor de sua sogra, deixou o piano, approximou-se á lareira, fez festa á cadeilinha, como para se congraçar com a dona, e passou a gabar a belleza do fogo.

— Por certo que o fogo não é inutil quando se está vestida de musselina e com meias abertas. Com effeito, são bem extravagantes estas modas que nos vem dos paizes estrangeiros. Quando te vejo com um vestido de musselina, de mangas curtas e decotado, no mez de dezembro, e na Lituania, sinto-me tremer de frio.

— Pois, minha cara mamã, asseguro-lhe, asseguro-lhe que na Italia não faz mais calor do que nos seus quartos.

— Sim, não é sem motivo que procurais desculpar o vosso traje, respondeu a velha senhora em voz baixa, porque na verdade não é decen-

te, e tanto que o capellão não se atreve a levantar os olhos para onde vós estais. Sempre vos vejo soffrendo, e nem pôde deixar de ser assim quando se commetteu taes imprudencias.

— Ora, minha cara mamãe, como não ha de ser assim, se nem todas podem ter uma saude como a vossa. Estais tão bem conservada, tão fresca e tão esperta que o cavalheiro Martini me disse, esta manhã mesmo, que parecia que vós terieis, quando muito, cincoenta annos.

— Esse senhor italiano é com effeito muito obsequioso; está aqui desde S. Martinho, quero dizer, ha seis semanas, e todo este tempo parece um dia! Tu deverias convidal-o para ficar no castello para dar lições á tua filha; de boa vontade eu lhe daria sessenta ducados por anno, e todas as commodidades da vida.

Pondo a mão na boca para não soltar uma risada, disse a princeza Julia:

— Creio que não será isso possivel, porque supponho que o cavalheiro não falla o polaco; conheci-o na Italia, e nunca mais fallamos se não ou em francez ou em italiano.

Neste momento o cavalheiro Martini, que se tinha aproximado da velha e da nora, tomou parte na conversação; e se bem que esta versasse sobre modas, espectaculos e viagens, a velha, toda adocicada, aproveitou o ensejo para dar a entender o que queria.

A's oito horas em ponto, aberta a porta de par em par, veio o modormo annunciar que a ceia estava na mesa.

Entrarão todos na casa de jantar.

Julia, fingindo querer agradar a sua sogra, gabava cada iguaria que se lhe apresentava, e com mostras de bom appetite accitava tudo o que se lhe servia; mas fazendo certo signal ao criado que estava atraz da sua cadeira, este lhe tirava o prato immediatamente.

— Julia, disse a sogra, comei d'este assado com molho de passas, está excellente, já o repeti.

Julia aceitou, e fazendo signal para que lhe tirassem o prato, o criado, aliás sempre prompto, não acudiu; e ella voltando-se impaciente, ficou admirada de o não ver atraz da cadeira. Felizmente a ceia estava acabada, e Julia passando perto do cavalheiro disse-lhe á meia voz «vêde o que é feito do meu criado.» O cavalheiro sahio immediatamente, e a sociedade voltou para o salão.

Erão dadas dez horas, e o cavalheiro não apparecia: Julia, com os olhos fitos na porta, aventurava algumas palavras para disfarçar, mas de balde, a sua inquietação, a sua voz e o seu semblante revelavão a sua agitação interior: felizmente tinha sua sogra chegado áquelles annos em que já se não decifraõ estas commoções; cuidava que Julia estava, como ella, fatigada pela força da digestão; e meia dormida, disse-lhe:

«Parece-me que é tempo de recolher, já é tarde, desculpai-me com o cavalheiro.» Julia levantou-se, beijou a mão de sua sogra, e tornando para junto da lareira, olhava ora para a porta, ora para o relógio.

Emfim, appareceu o cavalheiro: Julia foi ao

seu encontro, e mettendo-lhe na mão á sorrelfa uma chave, virou-se depois para o medico e o iutendente, que jogavão de novo uma partida dos centos, sem que nenhum d'elles desse a menor fê do que se passava na sala, e disse-lhes.

— Meus senhores, peço-vos mil perdões por vos deixar, soffro uma dôr de cabeça horrivel.

Uma hora depois, tudo dormia no castello, todos, menos Julia, que assentada sobre um sofá, descansava a cabeça na mão.

De repente levanta-se, corre para a porta e diz «Ah! não é elle! é a primeira vez que no espaço de seis semanas, se faz esperar tanto.... Apenas teria ella pronunciado estas palavras, que se ouviu dar volta á chave na fechadura devagarzinho, e aquelle que ella esperava com tamanha impaciencia entrou em trajas de viagem.

— Pois que! exclamou Julia, estais de partida!

— Sim, respondeu elle com voz tremula e todo commovido.

— Não, não partireis, disse Julia, lançando-lhe os braços á roda do pescoço.

— Sou a isso obrigado, meu pai o exige, e por bem da vossa reputação não posso demorar-me aqui por mais tempo.

— Ah! quão pouco vós me amais! Que me importa a mim o mundo e seus propositos, a mim que só a vós quero, que só a vós amo!

— Mas Julia, eu tambem sou vosso; por compaixão, minha amiga, não me façais perder a coragem, não abuseis do vosso imperio: soffrei que eu satisfaça deveres a que não posso faltar.

Não! não! não quero que partais, não quero! Mais um dia, ou eu morro, disse ella, lançando-se-lhe aos pés.

— Não, esta vez hei de ser senhor de mim! Adeus Julia, breve nos tornaremos a vêr para nunca mais nos separarmos; e arrancando-se dos seus braços, desce a escada, transpõe o jardim, e alcança uma pequena porta, onde o esperava uma carruagem.

Na pessoa do cavalheiro Martini, terão as nossas leitoras reconhecido o conde Leão. Cumpre explicar agora o como viera elle encontrar-se com Julia na alta Lituania.

Não terão esquecido que na época do casamento de Leão, Julia estava occulta em Warsovia; depois dos doze dias que elle passou com ella, quando sob certos pretextos se ausentou de Madragora, partiu Julia para o castello de sua sogra na Lituania. A familia d'esta ultima que se acunava na Podolia, quando Leão e Karolina moravão juntos, escrevia á sogra de Julia dando-lhe noticias da cidade; e entre outras novidades contava-lhe que o conde e a condessa Leão estavam em Madragora, que era um par encantador, que Leão parecia o modelo dos maridos, e Karolina tão bella como feliz. Estas palavras escriptas com a leviandade, o descuido e a falta de observação que caracterisão os propositos do mundo, lançavão na alma de Julia a perturbação e a desordem: desesperada não sabia o que havia de fazer: não podia ir para a Polonia, mas tambem não podia viver em tão cruel incerteza! Tomou portanto uma resolução decidida, um d'estes arbitrios que decide da vida para o bem.

ou para o mal. Ajunta-lhe todas as cartas e todas as memorias que havia recebido de Leão, e manda-lhe tudo.

Depois de exprobar a Leão a sua inconstancia e o seu perjuro, acrescentava Julia: « Se ainda existo, é porque no fundo da minha alma escuto uma voz mysteriosa que me grita.—*Isto não é verdade!*»

Não, não é possível que vós me tenhais enganado tão indignamente! Não, não é possível que a minha paixão e os meus tormentos vos tenham servido de maromba! Não, vós não sois um cobarde, um infame pois que eu vos amo! No entretanto é necessario destruir as minhas duvidas, e se passados doze dias não vos vejo junto de mim, tudo entre nós estará acabado. Conheceis o meu portador: elle leva ordem para vos esperar e vos acompanhar.

Fôra esta mensagem entregue a Leão no momento em que Karolina entrava no seu quarto para lhe lembrar o anniversario de seu pai.

Logo que Karolina partiu para Warsovia, Leão foi encontrar-se com Julia na Lituania, e á primeira entrevista tudo ficou perdoado e esquecido.

Para se introduzir no castello da sogra de Julia, deu-se Leão por um mestre de canto Italiano, que havia conhecido em Flórença.

O guarda roupa de Leão, que ficára em Miódoborce, era o unico que sabia dos segredos de seu amo, e como tinha ordem de lhe mandar todas as suas cartas, foi por elle que Leão recebeu a de seu pai.

UM ENGAÑO MAIS.

Approximavão-se as festas do Natal, e Leão não era ainda chegado.

O Palatino, fingindo-se tranquillo, mas todavia inquieto e impaciente, dizia á Karolina: — « Tanto melhor e ainda bem, porque teremos mais tempo para alfaiar o palacete. » Mas carecendo-se para este fim de dinheiro, e não o tendo o Palatino, dirigiu-se elle ao *cofreiro*, que redondamente o negou, dizendo que não daria adiantal-o para cousas uteis, mas não para fofices! Era esta resposta categorica, e o Palatino, bem que altamente descontente, foi obrigado a recorrer a outro expediente.

Lembrado o Palatino de que Modragora havia sido alfaia da de novo, occorreu-lhe de fazer transportar para Warsovia os seus trastes mais preciosos, e Karolina, a quem elle communicára este projecto, não lhe achando inconveniente, encarregou-se de ella mesma assistir ao seu transporte. Entrava nesta determinação de Karolina um motivo secreto; queria que Leão encontrasse no seu palacete todos os seus habitos de campo, e que o quarto d'elle fosse em tudo semelhante ao do castello. Para este effeito era necessario fazer transportar não só os móveis, mas até os mais pequenos objectos que cercavão e servião a Leão.

Logo que Karolina chegou á Modragora mandou abrir os quartos de Leão, e o guarda do castello que a acompanhava, disse-lhe: — « A Sra. condessa pôde affiançar ao Sr. conde, que tudo

está no seu lugar, livros, desenhos e cartas. » — Está bom, respondeu Karolina, agora deixai-me ficar só.

Fechando-se por dentro, começou Karolina a percorrer todos os quartos, um após outro. Na sala redonda viu uma mesa redonda, especie de velador, onde estavam romances, desenhos, gravuras, cachimbos e flores.

No quarto de dormir encontrou todos estes lindos nadas, que todavia annuncião gosto e elegancia. Procurava com avidéz e não via, o objecto das suas pesquisas. O guarda fallara de cartas, mais onde estavam essas cartas? Esta palavra que tanto a sobresaltára, ainda mais a estonteára. No momento em que ella ia a sahir do quarto, deparou atraz dos cortinados da cama com uma pequena porta, e levantando a tranqueta vê um retrete deliciosamente decorado. A alma de Leão contornava, por assim dizer, este retrete; elle estava ali com todos os seus pensamentos e os seus habitos intimos. Sobre uma mesa via-se um livro virado como elle o tinha deixado; mais adiante, sob e uma cadeira, as suas luvas; em out o lugar uma especie de pulpito, com uma caixa de tintas, pinceis e um copo com agua. As paredes do quarto estavam ornadas de desenhos e pinturas, que apresentavão diversas vistas da Italia e da Suissa. Em um destes quadros, que representava os arrebaldes de Napoles, notou Karolina uma mulher de admiravel belleza, e junto del'a um mancebo, e este mancebo era Leão! Sim, era elle aos pés de uma mulher que elle contemplava com amor!

Chegando-se junto á mesa de escrever, Karolina viu ali muitos volumes avulsos. *Heloisa, Petrarca, Tasso*, e mais um album, um album onde estava escripto o nome de Julia, em cada uma de suas paginas. Depois desta busca cruel, e já sem vontade de olhar, deparou por acaso com um subscripto, e pegando nelle e virando-o corajosamente procurou ler o motto do sinete. A letra bella e elegante, era sem duvida de mulher, e o motto que dizia—*tudo ou nada*—tambem o era, mas essa mulher não era por certo uma actriz.

Neste comenos, Karolina, que ficára estupefacta com semelhante descoberta, ouviu alguem á porta, e abrindo-a envergonhada, viu o guarda que vinha participar-lhe que estavam promptos os homens que devião transportar os trastes.

— Ha muito tempo, disse o guarda, que estou aqui, mas a Sra. condessa não me ouvia, e a porta estava fechada por dentro.

— Pois bem, respondeu Karolina, levem os trastes que já indiquei, e levem-nos com cuidado. Quanto aos do quarto do Sr. conde, devem ir todos sem ficar nem um.

Retirou-se o guarda para executar as ordens que tinha recebido, e Karolina, fazendo em mil pedaços o sobrescripto sahio do retrete. Nesse mesmo dia poz-se a caminho, e vespóra do Natal estava de volta em Warsovia.

Madame Döbromir, contente de tornar a ver a filha depois de tão curta ausencia, dizia ao Palatino.

— Se Leão chegasse agora, nada faltaria á nossa felicidade.

— Segundo o meu calculo, respondeu o Palatino, só poderá estar aqui na primeira oitava do Natal.

Era Karolina incançavel nos novos arranjos que fazia na sua casa, cuidando assim tornar-se agradável a seu marido. Mandava collocar os trastes do quarto de Leão na mesma ordem com que estavam em Modrogora, e até queria pendurar no retrete os quadros de que já fallamos; enfim dirigiu tudo por si mesma. Um dia que tinha na mão o album para o ir pôr em cima da mesa de escrever, ouviu passos na sala de jantar, e abrindo a porta, viu entrar o Palatino juntamente com Leão.

— Ora, eis-aquí o nosso filho prodigo, disse o Palatino, que ancioso veio dois dias antes daquelle em que eu o esperava. Agora não nos ha de fugir mais, nem lhe consentiremos que vá á casa. Olha, meu filho, vê tantos cuidados e tantas atenções da parte de tua mulher, ella é inapreciavel, não é assim? Não te parece que estás em Modrogora! Dá-lhe os teus agradecimentos.

Leão beijou a mão de Karolina, e lançando depois os olhos ao redor de si, deparou com os quadros e o allium!

Pallio de colera, e não podendo reprimir-se, escaparão-lhe estas palavras, que o Palatino e Karolina poderão ouvir—*pouca delicadeza, falta de palavra, espionagem.*

Karolina, não podendo chorar, e faltando-lhe coragem para dizer alguma coisa, sahio. Logo que o Palatino ficou a sós com o filho, reprehendeu-o severamente, mas Leão, como homem determinado, confessou-lhe então as suas relações com Julia, e o horror com que tinha sua mulher. O Palatino ouviu com paciência a confissão de Leão, mas quando este ultrajou Karolina tomou elle e sua defenza com uma força, uma energia, que não erão de seu costume.

— Meu pai, de balde procurais convencer-me: nunca acreditarei que Karolina é minha igual; aceitei-a para fazer as honras da minha casa, nunca a olharei como minha mulher: é um erro do destino, e o laço que me prende a Karolina parece-me uma inverção do inferno. Isto assim não pôde durar, maldito oiro!...

O Palatino ameaçou o filho com a sua colera, senão muda-se de conducta para com Karolina. Pelo respeito á vossa pessoa, guardai ao menos as apparencias, lhe disse elle.

A uma dôr viva e aguda, havia succedido um profundo abatimento. Sim, Karolina tambem accusava o destino, e perguntava a Deus por que a tinha feito tão desgraçada.

Na vespera do Natal, o Palatino, o Conde e a Condesa foram para casa do Copeiro, para assistirem os banquetes que ali devia dar-se.

A mesa estava esplendidamente illuminada: as iguarias erão abundantes e exquisitas: mas para que os convidados se não esquecessem da santidade e verdade da festa, havia debaixo da mesa uma pouca de palha, e por cima um coerto com uma pequena toalha. N'um canto da sala viao-se em monte, alguns molhos de trigo.

No momento em que todos se vão assentar á mesa viu-se Madame Dobromir muito embarçada, tinha contado os convidados, e achára treze, porque não se tinha contado com Leão, o qual por tanto vinha a ser o fatal treze. A senhora que fazia companhia a Madame Dobromir, vendo o embaraço desta, chegou-se junto della, e disse-lhe. Eu me retiro para deixar logar para o Sr. Conde, e assim ficão só doze. A boa Madame Dobromir, respirou ouvindo esta proposição, e a ceia se passou alegremente, quando ao levantar da mesa, Leão, irritado pela scena da manhã, suffocado pelo calor e pelo cheiro dos vinhos, cahiu sem sentidos. Applicarão-lhe logo alguns saes, e pouco a pouco foi tornando a si, mas continuando a soffrer, foi levado para sua casa. Então mandou Karolina chamar ao celebre doutor Gagalkiewiez: o mal não era grave, mas a organização nervosa de Leão, tornou a cura mais difficil. Karolina dedicou-se toda a tratar de seu marido: nem de dia, nem de noite lhe largava a cabeceira. Uma mulher amada por seu marido, não teria feito mais, um anjo não teria sido mais resignado. E no entretanto, nem uma só palavra, nem um simples olhar, todo o tempo que durou a doença, veio agradecer a Karolina os desvellos que ella empregava com tanta ternura. Em fim restabeleceu-se Leão.

Continúa.



**Á sentida morte da Illm.^a Sr.^a D.
Francisca Candida da Silva,**

FILHÁ DOS ILLMS. SRS. CANDIDO JOAQUIM DA SILVA E D. FRANCISCA CARLOTTA DA SILVA.

SONETO.

Em vão aspira o sabio compr'ender
A sciencia que Deus Se reservou,
Um ente que para si Elle formou
Não pôde humana frase descrever!

Nem a humanas mãos cabe o tecer
Digna corôa ao anjo que passou,
Cujó espirito e belleza fulgurou
Para tão cedo ao Céu se devolver!

Mas a dôr que alma sente compungida
Os labios me desprende, e só seu nome
Mal posso proferir enternecida!

Ao throno do SENHOR tua alma assone,
Francisca! canta o hymno (*) que na vida
Cantando exaltaste o teu renome.

Por uma sua amiga.

(*) Alude a Poetisa ao Todeum que D. Francisca canto na parte de soprano na capella do Divino em Mataportcos. u

MAXIMAS E PENSAMENTOS.

DE UMA ILLUTRE CAPACIDADE BRASILEIRA.

Amai a vossos filhos com igualdade, e se tendes para algum maior inclinação, não o mostreis; de outra sorte tornareis um soberbo, outro invejoso, e ambos desordenados. Se a natureza pôz alguma differença entre elles, é do dever de um pai ou de uma mãe terna ajudar ao mais fraco.

Um padre de grande reputação estabelece esta regra.—Em caso de duvida, encostai-vos sempre aquella parte que vos parecer menos agradável.

Quando acordardes de manhã, acostumai-vos a pensar primeiro em Deus, ou em alguma coisa do seu serviço; e á noite, quando fechardes os olhos, procurai que o vosso sono seja facil e socegoado, não o extendendo além do tempo que for necessario pela lei da natureza. Fareis bem em ver algumas vezes os preparativos que faz o sol quando está para sahir das camaras do Oriente.

A maior parte da gente suppõe, por uma ma inclinação, que todo o homem velho é desmemoriado. Se um rapaz, ou homem já maduro, sahindo de uma companhia se esquece do lugar onde poséra o chapeo, ninguem repara em tal; mas se isto acontece a um velho, logo todos levantão os hombros, e dizem: « ora se elle já perdeu a memoria! »

A devoção solida assemelha-se áquelles rios que correm debaixo da terra; escondendo-se dos olhos do mundo para procurarem os de Deus: acontece muitas vezes que aquelles de quem menos se falla na terra, são mais bém conhecidos no Céu.

É facil excluir a luz do meio dia fechando os olhos; assim como é facil resistir á verdade mais clara, endurecendo-se o coração contra ella.

Concerto no salão da Phil'Euterpe.

No salão da sociedade Phil'Euterpe realisou o Sr. Achilles Malavasi o seu beneficio em a noite do dia 30 de novembro, offerecendo aos seus numerosos amadores um brilhante concerto, no qual tomárão a parte instrumental os Srs. Maersch e Bevilaqua, e a Illm. Sra. Kastrup e Guilmet a parte cantante. Da meia noite em diante dançou-se muito; a reunião tornou-se então tão animada, que só ás 3 horas e meia da madrugada acabou. Felicitamos ao estimavel artista o Sr. Malavasi pelo variado divertimento que soube preparar para essa noite toda sua, e lhe desejamos cordialmente aquella prosperidade de que se tornão merecedores artistas taes como o Sr. Malavasi. A sua interessante e amavel esposa não lhe faremos elogios, que ficarão muito áquem do merecimento com que se houve na distribuição de seus agrados e atenções ás senhoras que nessa noite a obsequiavão.

Theatro de S. Januario.

Como haviamos annuciado ás nossas assignantes, teve logar na noite do 1.º do corrente, em o theatro de S. Januario, o beneficio do Sr. Van Marcke, distincto rabequista. Não somos conhecedoras da arte, por isso nada podemos dizer a respeito do seu merecimento artistico, senão que gostámos muito de ouvil-o tocar, sobretudo acompanhado ao piano pelo nosso patricio o Sr. Stockmeyer Junior, artista de grandes esperanças, que o obsequiou nessa noite.

No domingo, 5 do corrente, abre-se o Hospicio de Pedro II, e solemnizar-se-ha a inauguração da estatua de S. M. o Imperador.

Acompanha a este n. 49 uma estampa com tres figurinos: um de senhora e dois de meninos.